

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES - UNI-VOS!



## DUAS CIVILIZAÇÕES

GES  
PCP

Crise do mundo: crise de ideias, crise económica, crise moral, crise de homens e de civilizações. Concorriam com estes lugares comuns se a evolução do mundo, das coisas, dos factos, de tudo não fôsse urna neola visível que se move consoante o objectivo que se impõe - a conseguinte modernificação geral dos sectores dominantes numa civilização que em prestou ao mundo as suas realizações, os seus defeitos, o bem e o mal inerentes à forma preconcebida da sua acção temporária. Uma corrente impulsionada sempre no mesmo rodizio tem que fatalmente de reduzir-se, estar ao sabor do desgaste e de não servir às necessidades crescentes do seu continuo movimento, a retrógradar, a ferir, a emperrar, a chocalhar como instrumento avariado e envelhecido que já não produz, não procria. Assim estão as civilizações, as coisas e tudo que ao rodar dos tempos vai perdendo a força vital com que se iniciou. O homem, como a sociedade, duas correntes que se harmonizam e são sentido único, o homem é a sociedade, precisa de fugir à rotina e dar vazão ao eu insatisfeito que reside na alma colectiva do ser pensante e construtor. Transformar, fazer de novo, iniciar, progredir, procurar melhor e fácil são as permanentes fontes que o olhar humano perscruta na ansiedade de servir e de tornar rial o preconcebido ao contacto da imaginação que o sentido analítico gera para os mais ousados empreendimentos. De facto a palavra impossível pode bem ser banida do vocabulário visto a constante ousadia do cérebro humano a renegar com riso de escárnio e de contemplação pelas maravilhas que criou e cria incessantemente.

Como poderia subsistir, pois, uma civilização que já não preenche as necessidades do homem e cujos métodos são demais envelhecidos para o seu progresso técnico e moral? Como poderia subsistir uma civilização que admite a exploração do homem pelo homem e cuja base

## ERA ASSIM...

... Era assim... e assim o esperávamos. Como é de ver a proposta amnistia veio publicada na imprensa portuguesa com as parangonas possíveis de arranjar em caixotes de impressão de forma a iludir branco visto que o frêto já conhece de pobreza o carácter do civilizado e já lá não vai com dulas antigas.

A generosidade val-larariana é tão meiga e tão extensa que bastou meia dúzia de artigos, um tanto ou quantos parágrafos de decretos tal e tal para toda a gente ficar sabendo que não houve tão nem gato encavalado nos seus respectivos jactos que não beneficiassem do indulto... a rancho melhorado, dois deceltron de mau carrocção e urna laranja com bolôr e de rabo a feirino.

Reffenicam os pino, troaram os combões, ou viu-se a voz patridente dos clarins, ipeu-se a quári eua gamada em acul, fundo branco, peguanto au Guimaraes botava fêla o Carmona e o Salazar no velho castelo onde, de certo, o Afonso Henriques se ressuscitarse certa-ria dum só golpe, com a sua espada, a cabeça daquelles que como sua enai estao nos braços do moderno conde galgo.

## - MARXISMO -

SIGNIFICAÇÃO DA DITADURA DO PROLETARIADO

Examinemos a noção da ditadura do proletariado. A ditadura do proletariado, governo do povo, não significa a democracia, a liberdade para toda a gente. Os exploradores que foram desapossados dos seus privilégios pelo povo não poderiam deixar-se livres para prosseguirem as suas tentativas de restauração. Seria uma loucura para o povo, desde que expropriou os grandes capitalistas, deixar-lhes a possibilidade de prepararem o seu regresso ao poder organizando-se livremente, utilizando os seus recursos para corromperem ou ludibriarem com toda a liberdade.

O governo do povo não é a democracia nem a liberdade para os inimigos do povo. Pelo contrário, ele quebra por todos os meios, mesmo os mais inérgicos, todas as tentativas das antigas classes desapossadas com vistas a recuperarem os seus privilégios. É neste sentido que se pode, ao evocar este poder, falar de ditadura.

No que diz respeito às antigas classes exploradas (operários, camponeses, pequenos comerciantes, classes pobres), a ditadura do proletariado, governo do povo, assegura-lhes não só as mais amplas liberdades, mas também os meios de a exercerem. A democracia conseguinte substitui a democracia formal, pois que a dominação capitalista, que conferia à democracia um carácter formal, foi abolida.

Assim a ditadura do proletariado não significa de maneira nenhuma a ditadura da classe operária sobre as outras camadas da sociedade mas sim o poder de todo o povo sobre a infima minoria de antigos exploradores. O proletariado, a classe operária, apenas desempenha neste poder do povo um papel particularmente importante; sérias razões motivam o agrupamento do povo inteiro em torno do proletariado, para a conquista e a conservação do poder.

**O PAPEL DO PROLETARIADO**

Quais são essas razões? São os operários mais inteligentes do que os camponeses ou os comerciantes? A questão não se põe assim.

No governo do povo, o papel predominante pertence ao proletariado pelas razões se-

guintes:

Primeira razão: o proletariado é uma classe numerosa, cuja importância vai crescendo à medida que se desenvolve a sociedade. Recordemos que em cada cem anos o número de operários em França decuplicou.

Segunda razão: o proletariado é a classe mais concentrada e por consequência a melhor organizada. Na casa Renault (fábrica de automóveis, aviões e vários maquinismos) há perto de 40.000 operários, reunidos no mesmo sindicato; como se poderia conseguir reunir e organizar num só bloco um número igual de camponeses?

Terceira razão: o proletariado é uma classe homogênea; nem todos os operários recebem os mesmos salários mas todos são explorados sob uma forma única, sob a forma do salariedade; ao contrário das outras classes, por exemplo, os camponeses, dos quais uns são operários agrícolas, outros trabalham parte para um patrão, parte para eles próprios; há-os que são rendeiros, outros que são moleiros, outros que são pequenos proprietários e trabalham para si só as suas terras, outros enfim que trabalham e empregam ao mesmo tempo um ou dois assalariados.

A unidade de vistas, condição duma acção eficaz, é favorecida pela homogeneidade do proletariado.

Quarta razão: o proletariado é directamente explorado pelas oligarquias; não possui nada. Marx falando da revolução socialista pôde dizer:

"O proletariado não tem nada a perder a não ser as suas cadeias".

Resulta daqui que a luta do proletariado contra a oligarquia capitalista é caracterizada pela ausência de toda a hesitação, pela sua firmeza e pela sua continuidade.

Enfim, o proletariado detém na sociedade moderna as alavancas do comando, visto ocupar os centros essenciais da produção, dos transportes, dos serviços públicos, etc. . .

Tais são as razões muito simples que conferem à classe operária um papel

- continua na li.ª página -



## DUAS CIVILIZAÇÕES.

- vem da página 1 -

se ressentir duma sã moral e de liberdade? Como poderia subsistir uma civilização que molda as suas realizações aos defeitos da sua engenharia económica, técnica e moral, política e social onde se chocam antagonismos de toda a natureza? Não podia subsistir e daí as suas contradições, a amalgama de interesses, a desordem económica, as crises geradoras de guerras e a instabilidade política das instituições e a chuva de códigos com que se pretende remendar uma sociedade podrida e já sem salvação possível.

A desordem económica sucede-lhe a desordem política, que é a desordem moral, e com elas a avalanche das novas ideias que visam e tendem a desenvolverem-se proficilmente no caos da incompreensão geral.

A actual guerra nos altos e baixos do seu desenvolvimento, o prologo da guerra de 1914-18 cujo curto armistício de vinte e tantos anos não foi mais que a preparação de retoque dum último cenário duma tragédia, mostra-nos que o capitalismo chegou às finais da sua ascensão e que agora será, inevitavelmente, ferido de morte, - se morte não é já o medonho estrebuchar do seu derradeiro arranco.

É que a guerra de hoje tem os mesmos objectivos da de ontem: - a supremacia política e territorial, financeira e militar dum dos blocos em luta. Inconciliáveis por principio mas irmanados nos métodos e nos fins os governos imperialistas quer se chamem "democracias" ou nazismos só se degladiam por essa supremacia. Uns e outros obedecem a um fim histórico e sem o queressem apressam a marcha do novo mundo lançando na fogueira da guerra as suas contradições. A Evolução segue então évante o seu caminho, desbrava ousadamente, pisa os calcinados campos de batalha e determina o novo ciclo histórico dos homens.

Nesta guerra combatem duas civilizações - uma que se suicida raivosamente, implacavelmente, destrói, sucumbe, sobre milhões de cadáveres e outra que se levanta esperançosa, triunfante e ilumina um mundo assombrado, enlutado, cheio de ruínas e que assim saúda a nova era para a vida da Humanidade.

Dois civilizações. Sucumbe aquela que já pagou à Humanidade o seu tributo, triste tributo!

x Inconciliáveis

## PROPAGANDA DE GUERRA

### MENTIRA OFICIAL.

**GES**  
**PCP** A propagação dos dois blocos imperialistas em luta chega à força de contacto a ser interessante pelo arrojo, pela convicção e pela seriedade que imprimem às mais impudentes mentiras germinadas pelos governos, agências de informação e homens públicos.

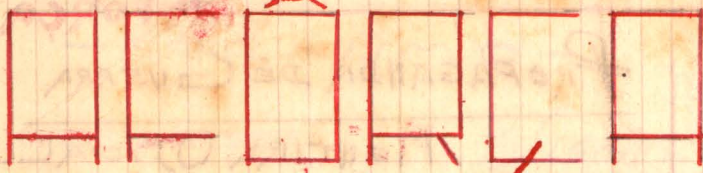
Tornada oficial a mentira, o embuste ocupa hoje o primeiro lugar das belezas turísticas dos jornais e da rádio como se o homem já há muito estivesse familiarizado com a mesma confusão que é o labirinto das informações e dos discursos dos homens públicos notáveis e dirigentes das nações. Familiarizado, claro, nas proporções da mentira oficial contemporânea e nos mil meios com que se lança a confusão nos espíritos.

A propaganda de guerra é a mentira oficial e vale mais que mil exércitos pois é esta que age na retaguarda e faz a opinião pública que, quasi sempre, é movida por fogachos.

Envenenando até à excitação, iludindo até ao fanatismo e nunca dizendo a verdade a propaganda de guerra, já sem falar neutras, é sem dúvida a maior estratégia duma nação, dum interesse e dum fim. Ao mesmo tempo revela até que ponto chegou uma civilização, quanto baixou para ter necessidade de com grande desaford criar um dos mais vis métodos de engano e embuste colectivo: a mentira oficial.

Hábito e necessidade a mentira de guerra e oficial representa tanto ou mais de que aquela que no tempo normal cria e alimenta os diversos sectores da opinião pública nacional e mundial. Entretanto a força de uso e de disparate a mentira oficial vai criando dia a dia no espírito das multidões uma repulsa enorme a pontos de até já da própria verdade se duvidar tal é a influência nefasta da propaganda cega e criminosa dos jornais, agências, rádio e homens públicos.

E assim uma civilização se revela impotente para conter a ância de liberdade que se forma nos espíritos, ância de rebeldia que quer fugir às cadeias duma opressão que enmaga e assassina o pensamento colectivo dos homens.



- JUNHO 1940 -

## O nosso temperamento.

Não há pensamento estético sem coe-  
nação de ideias, sem uma base segura  
de permanente que fixe o molde do gênio  
nas facetas várias do que a ideia cria e  
compõe no auto domínio de nós mesmos.

A ideia surge da lembrança rápida  
de uma coisa e só depois a necessidade  
príngua de cada um martela com persis-  
tência no fulgor sentido por um pen-  
samento, uma sugestão que se radica  
e torna forma através dum tremor  
que é a observação brilhante do surgido  
à mente num segundo de concentração.

Um minuto basta ao permanente para  
abraçar o mundo e um segundo chega  
para nos lançar na vida ou na morte.  
Se tudo é relativo parece que ao homem a  
felicidade sua, relacionada com a sua  
sacrifício, com a sua luta, a sua dor e até  
o seu desdém e, que operam a felicidade  
de consiste na dor de cada qual de não  
ver o mundo e os homens como queriam,  
desejavam ou num sonho lindo ver ex-  
quido o seu castelo de ilusões.

Em cada homem há uma mira-  
gem, em cada peito uma torre de Babel,  
em cada coração o punhal afiado da  
maldição eterna: Caminha! Caminha!  
Caminha! Entretanto, em todos uma  
interrogação à esfinge do deserto, um  
clamar à vida que trespassa o mundo  
e ressoa no infinito como um choro...

Os pirâtrides contemplam eterna-  
mente as areias movediças do deserto  
e a voz de pedra é ouvida para os ho-  
mens interrogação repontológica de  
seu milênio brutal e angustioso.

Ossassinos! grita-se do alto da  
Acrópole de Atenas, insulto fulminante  
que nos parode e cabidairos repetimos  
em dolorosa amargura de arrependi-  
mento, a dor seu holocausto a nossa pen-  
sabilidade que chora os homens e a vida  
que não vivemos.

Perdão, perdão ó vida, perdão!...

## - MARXISMO -

- vem da pág. 2 -

decisivo na luta do povo inteiro para con-  
quistar o poder e para se servir dele.

É por isso que se fala de ditadura  
do proletariado.

Mas repetimos que não se trata de di-  
tadura dos operários sobre as outras classes  
da sociedade, que se trata do governo de  
todo o povo agrupado à volta do prole-  
tariado.



### Lénine e a ditadura do proletariado.

Esta ideia foi muitas vezes desenvol-  
vida por Lénine que caracteriza a dita-  
dura do proletariado como uma

"forma particular da união da classe entre o  
proletariado, vanguarda dos traba-  
lhadores, e as camadas não proletá-  
rias dos trabalhadores".

Lénine dá, do mesmo modo, no "Está-  
do e a Revolução" as características se-  
guintes da ditadura do proletariado:

"A democracia para a imensa maio-  
ria de pessoas a repressão, para a minoria,  
da actividade dos exploradores, dos  
opressores do povo, em outros termos,  
a exclusão destes da democracia, tal  
é a transformação que sofre a de-  
mocracia no período de transição do  
capitalismo para o comunismo".

Estamos agora iluminados sobre a concep-  
ção marxista do governo do povo, sobre  
a teoria da ditadura do proletariado.

"Entre nós as pessoas não trabalham  
para os exploradores, nem para enrique-  
cer os parasitas, mas sim para elas pró-  
prias, para a sua classe, para a sua socie-  
dade própria, a sociedade soviética,  
onde a elite da classe operária está  
no poder. E é por isso que entre nós o  
trabalho tem um alcance social; é ele  
é uma questão de vida e de glória".

- J. Stáline: "Por uma vida bela e alegre" -

"Se a estatização fôsse uma medida  
socialista, Napoleão e Metternich  
contar-se-iam entre os fundadores  
do socialismo".

- "Anti-Dühring" - Engels. -